

# VIDA PAROQUIAL



Director e Editor  
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Redacção  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Composição e impressão  
GRÁFICA DE COIMBRA

## Lições de Angola

Correu e continua a derramar-se sangue em Angola, velha porção deste velho e glorioso Portugal.

Houve actos horrorosos, mulheres violadas, crianças esfaceladas, um morticínio por loucos desvairados, tudo caracterizado «por uma falta total de respeito pela vida e pela dignidade da pessoa humana», como judiciosamente afirmam os Bispos de Angola na sua recente Pastoral.

Houve sem dúvida nenhuma o monstruoso pecado de matar que talvez continue por muito tempo, notando-se um ódio satânico no modo de realizar o extermínio de brancos e de pretos ao lado destes. Contudo a culpa será apenas dos agentes exteriores?

Na Pastoral referida notam-se várias outras causas, há erros que deviam ter-se evitado e há necessidade de abrir novos caminhos, mais facilidades, de haver mais caridade e justiça social.

Que bela aquela observação: «Aqueles de quem se costuma dizer que estão bem instalados na vida e a quem a prosperidade sorri, não esqueçam que esta situação privilegiada deve ser encarada mais como fonte de dever do que de gozo egoísta.

Não se podem subtrair à obrigação de socorrer generosamente os que lutam com dificuldades e levam vida de privações.

Com o que se gasta inconscientemente em exibição de vaidade e em luxo provocador, em divertimentos excessivamente caros e nem sempre recomendáveis, quanto se não poderia fazer em benefício dos que sofrem, de tantas obras de beneficência impossibilitadas de exercer a sua acção!»

Que bela página de reflexão para os ricos, os bem instalados na vida! Não é pecado ser rico, nem o Evangelho condena a riqueza.

Quando Jesus diz: Ai dos ricos! é porque a riqueza pode levar ao endurecimento do coração, ao egoísmo, ao desprezo dos menos favorecidos da sorte, sejam pretos ou brancos.

A riqueza tem uma função social: espalhar o bem à sua volta, sem ostenta-

ções e distribuir-se quando acumulado em demasia.

Se houvesse este espírito de caridade e justiça social, haveria comunismo, ódio, revolta?!

Temos de nos unir como portugueses, mas temos que moralizar as leis e os costumes; há que pensar nos outros; menos dinheiro e mais distribuição da riqueza; menos luxo e mais caridade; menos paradas de elegância e mais pensar no pobre; menos palavras e mais acção; para longe o egoísmo — só eu — e mais amor aos outros, senão pode vir ao Continente o mesmo flagelo que parece estar longe mas que é na nossa alma e no nosso sangue.

PADRE SARAIVA

## UM PASSEIO

Vieram as férias da Páscoa e com elas dias realmente primaveris. O Sol raiava de Nascente a Poente sem uma nuvem a interceptar os seus raios calorificamente acariciadores. Com dias tão belos, projectou-se um pequeno acampamento para aperfeiçoamento de dirigentes e guias, isto é, dos quatro principais Escuteiros do grupo.

Coube a vez ao Fontão, simpático lugar talhado na encosta da serra, em cujos vales férteis, correm ribeiras de águas cristalinas e abundam as terras semeadas por braços trabalhadores. Este dista 16 quilómetros de Figueiró dos Vinhos na estrada que segue para Campelo e fica a três quilómetros deste.

A hora da partida esperava-se com ansiedade dado o espírito interessado de todos nós e o sangue juvenil que em nossas veias corre.

Soaram finalmente três badaladas no relógio da torre. Surgimos os quatro, «poder-se-ia dizer da vida airada», de mochilas aos ombros, ainda pouco calejados e arma-

(Continua na 3.ª pág.)

## Banquete Eucarístico

### I) Jesus ficou na Eucaristia por nosso companheiro

O primeiro motivo da Presença Real de Jesus Cristo foi perpetuar a sua presença no meio dos homens. Ao celebrar a última Ceia com os discípulos, deixou ver em cada palavra toda a ternura da Sua alma. Apesar de ser Deus, estava dominado por sentimentos de tristeza por causa da separação dos que amava; e quis deixar um meio, um elo entre a partida urgente e a permanência com os eleitos. Poderá o amor viver longe do objecto amado?

É imperativo do coração encurtar as distâncias que separam os dois. Antes de voltar para o Pai, sentia a separação dos homens e, por isso, deixou-lhes como lembrança a sua Pessoa *corporal e substancialmente*.

Recordação é um sinal externo e sensível destinado a trazer-nos à memória uma pessoa querida, aumentando o seu preço material. Quanto mais semelhante à pessoa que a deu, tanto mais apreciável e grata e maior é o amor para com essa pessoa.

Se Deus desse a uma mãe poder correspondente ao seu amor, facultando-lhe du-

plicar-se ao separar-se do filho idolatrado, não se contentaria com a dádiva dum objecto qualquer; mas dar-se-lhe-ia ela mesma unida ao filho das suas entranhas. Pois o que essa mãe queria e não pôde fazer, pôde e quis fazê-lo Jesus.

Não se contentou em deixar uma recordação representativa e comemorativa da sua Pessoa, mas a realidade viva da sua humana e divina Personalidade!

(Continua na 2.ª pág.)

## Rezemos pela paz

Meses de Maio e Junho — meses de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus.

O mundo anda revoltado, não há paz mesmo nesta terra de Santa Maria e do Sagrado Coração de Jesus que é a nossa Pátria.

Reza na Igreja, em casa, em toda a parte pela Paz. Assiste na Igreja ao mês de Maio e à devoção do mês de Junho, aquela à noite e esta todos os dias às 7,30 da manhã.

# BANQUETE EUCARÍSTICO

( CONTINUADO DA PÁG. 1 )

Não quis que o privilégio de viver com Ele e possui-lo fosse circunscrito a uma província ou a um quarto de século. Mas antes a todos os povos do mundo e a todas as gerações do globo, assegurando-nos na pessoa dos Apóstolos: «Eis que estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo», não só como Deus, mas também como Homem. «Estarei convosco» não só para visitas mais ou menos frequentes, mas sempre, *etável e permanentemente*. Não como peregrino que viaja dum para outro país; não como um senhor que passa comunicando as suas ordens aos servo; não como um rei que vem delumbrar os súbditos com o prestígio dum momento, mendigando aqui e além aclamações; mas como um amigo que concentra toda a sua felicidade em estar com quem ama: «As minhas delícias são estar com os filhos dos homens». No meio das amarguras da vida podemos sentir sempre uma indizível consolação, ao pensar que junto de nós há um coração que se compadece, que nos compreende e ama com todas as suas entranhas que é o de Jesus na Eucaristia, pois que do sacrário nos diz: «Vinde a Mim todos os que... estais sobrecarregados, e Eu vos aliviarei».

## II) Jesus ficou na Eucaristia para nosso alimento

A segunda razão da Presença Real foi para fazer-nos viver a sua própria vida. Se quer praticar as virtudes, corresponder ao seu fim sobrenatural e salvar-se, o homem não pode dispensar-se da vida divina. «Caro mea vere es cibus; sanguis meus vere est potus. Nisi manducaveritis...» Terá o homem a vida física e intelectual; mas esta não é a verdadeira vida, porque se desmantela de encontro à lápide tumular; a verdadeira vida que é a sobrenatural, cristã, divina, prolonga-se para a eternidade. Tão ardente era o amor que abrasava o Coração de Jesus que fez para nós necessidade imperiosa comer-mos a sua própria carne e bebermos o seu próprio sangue. Transportemos para o horizonte da graça uma lei que se manifesta na ordem puramente natural: Todo o ser que não possui em si a plenitude da vida, que não chegou à perfeição, que está destinado à lei do desenvolvimento progressivo, tem necessidade de assimilar certos elementos conformes à sua natureza e proporcionais ao seu temperamento.

Por exemplo a planta, que vive a vida vegetal, busca na profundidade o húmus, sem o que acabaria por estiolar. O corpo humano vive da vida material e física e sustenta-se todos os dias de pão material, sem cujo alimento logo pereceria. A vida intelectual alimenta-se da ciência, da verdade, de tal sorte que sem tais alimentos morreria, caindo numa espécie de idiotismo.

Como cristãos, além da vida física e intelectual, possuímos a vida sobrenatural,

cujo germen divino o Baptismo depositou em nós. Não, porém, *em plenitude*.

Por isso há necessidade de sermos assimilados por elemento exterior, conforme à natureza dessa vida e proporcionado ao seu temperamento.

Alimento divino, Jesus Cristo é o pão substancial e misterioso destinado a sustentar a vida sobrenatural da nossa alma. Com efeito, rebebemo-lo todo inteiro pela Comunhão para nos purificar e transformar.

Quando vemos os nossos semelhantes mais humildes e caritativos, mais exactos no cumprimento dos seus deveres, é que se forticaram na Comunhão e não são eles a operar mas Jesus Cristo neles, segundo a palavra do Apóstolo: «Eu vivo, mas já não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim».

Donde provém a energia, o amor dispendido por certas almas em circunstâncias extremamente difíceis? Sofrem e calam; são assaltadas por tentações violentas e não sucumbem; vivem no meio dum mundo depravado e a sua pureza não recebe a mais ligeira mancha; atravessam o fogo e não lhes sentem o calor!

É que a Comunhão Eucarística dá ao seu coração uma energia divina, sobrenatural que lhes permite exclamar com S. Paulo: «Tudo posso naquele que me conforta».

## Conclusão

Jesus Cristo manifestou a ternura do seu amor até ao último limite; realizou o ideal do seu amor do modo mais completo, porque é próprio do amor não só permanecer com quem se ama, mas também sacrificar-se pelo objecto amado, unir-se a ele, desejar ter com ele uma só alma, um só coração, uma só vontade, uma só personalidade. É isto o que o nosso Salvador realizou pela Eucaristia: «Tendo amado os seus que estavam no mundo — diz S. João — amou-os até ao fim», não só até ao fim da sua vida, mas até ao fim dos séculos, até ao fim da caridade, se é permitida a expressão. Tais são as inefáveis ternuras do Coração de Jesus na instituição da Eucaristia. Tais finezas devem despertar em nós uma devoção mais terna, mais activa, mais fervorosa e como recompensa — não tenhamos dúvidas — teremos em Jesus Sacramentado a satisfação dos nossos anseios, o remédio para a nossas necessidades: Se somos fracos, fortificar-nos-á; é o pão dos fortes. Se estamos enfermos, curar-nos-á; é remédio para todos os males. Se sofremos, consolar-nos-á; é o Deus de toda a consolação.

Em suma, se estamos mortos, desgraçados, sepultados no pecado, deponhamos o medo e tenhamos confiança de ressurgir, porque Ele disse: «Eu sou a ressurreição e a vida».

E, perseverando na vida, obteremos a glória.

F. de V., 27-4-961.

PADRE ABÍLIO

## Amigos de «Vida Paroquial»

Senhor Mário Firmino — Castelo Branco — 10\$00; Senhor Juvenal da Conceição Simões, 7\$50; Senhora D. Zamira de Sousa, 10\$00; Senhor Carlos da Silva Feitor, da Beira, Africa 500\$00; Senhor Adelino Napoleão — a passar férias nesta Vila e residente na Beira, Africa — 200\$00; Senhor Manuel Fidalgo — 10\$00; Senhor Virgílio Henriques da Costa, da Quinta de Mouchão — 10\$00; Senhor António Campos — 10\$00; Senhor António Nunes de Oliveira — Carapinhal, 5\$00; Senhor José Pedro dos Santos — 10\$00; Senhor Raúl da Assunção — da Beira, A. O. P. — 20\$00; da Senhora Florência da Assunção — 5\$00; Senhor Adelino Joaquim Coelho — 15\$00; Senhor David Lopes — S. Paulo, Brasil — 2 mil cruzeiros; Senhor Joaquim Leitão — S. Paulo, Brasil — 100\$00; Senhor Manuel Arinto — Castanheira de Pera — 10\$00. A Ex.<sup>ma</sup> Colectora entregou 45\$50 de António Lopes Godinho, José Gomes, Emília Ferreira, Conceição da Silva, Conceição de Jesus, António Lopes, Alice Fernandes, Aníbal Simões, Manuel Fonseca, Manuel Antunes, Manuel Rosa, Ermelinda Fernandes e Manuel Mendes de Cabeços — cada um 3\$50.

Muito grato.

## Património dos Pobres

Apesar de faltarem muitas respostas às circulares enviadas esperamos que continuem a afluír os donativos para esta obra que é de Deus.

Esperamos começar em breve a 1.<sup>a</sup> Casa, logo que os Estatutos sejam aprovados pelas Autoridades Civis e Religiosas.

Desejávamos que este ano fosse benzida a primeira realidade deste doirado sonho.

E lá vai a 3.<sup>a</sup> lista de donativos, mais pequena mas plena do mesmo coração.

Saldo do n.º anterior .....	10.197\$50
Anónima .....	40\$00
Senhor Adelino de Almeida .....	25\$00
Anónima .....	50\$00
Senhora D. Madalena da Conceição Cunha .....	100\$00
Anónima .....	50\$00
Senhor Manuel Caetano Mendes .....	100\$00
Senhora D. Maria da Conceição Soares Henriques .....	100\$00
Total .....	10.612\$50

Muito grato e mãos à obra.

# UM PASSEIO

(CONTINUADO DA PÁG. 1)

dos de misteriosas armas, as varas que, diga-se de passagem, em último caso endireitavam as costas a um. O nosso rumo e o fim da nossa caminhada já todos o sabem, não o sabiam porém, essas pessoas que, vendo-nos passar tão «misteriosamente fardado», julgavam ver chegada a guerra. *Ma não, não era ainda a guerra.*

O percurso fizemo-lo até à Barraca da Boa Vista pela Estrada Nacional. Aqui tomámos um atalho que nos conduziu ao Val Vicente, mas mais foi um corta-mato escalando um alto monte, que um atalho. Entretanto a chuva caía lentamente em pequenas gotas, o que não impediu que a meio da subida se fizesse uma breve paragem para abastecer de combustível os estómagos já um tanto vazios.

Eram 4h e 30m e já tínhamos recomeçado a escalada que ainda não acabara. Só a chuva nos importunou, sendo necessário recorrer ao Val Vicente à generosidade de uma mulherzinha que nos cedeu alguns sacos para resguardar as costas já resfriadas pelas camisas encharcadas. Mas tudo é preciso, pois é necessário «ganhar calor» e prepararmo-nos para o futuro que não sabemos o que nos reserva.

Depois seguimos por caminhos tortuosos, cravejados de pedras, caminhos que ora sobem ora descem e serpenteiam pelos montes em que nada quebra a monotonia dos seus pinhais.

Chegou-se finalmente à estrada que se- gue para Campelo e que nos levaria ao Funtão.

A chuva tinha parado já não fustigando o nosso rosto e os nossos membros expostos às intempéries. O cansaço abrandou e o caminho ajudar-nos-ia a percorrer os poucos quilómetros que nos separavam do fim da nossa viagem. Em breve ela terminava e depois de jantar ficámos bem alojados num palheiro amavelmente cedido pela avó do ajudante do nosso grupo. Já havia camas com fatura, que recusámos e havia espíritos que se não conformavam que um neto e seus amigos, dormissem num palheiro; não compreendiam que não encetámos um caminho para comer regalados a uma mesa e dormir em camas foças. Até a lenha nos foi dada e as panelas e tachos emprestados com a maior das amabilidades. É de agradecer e simultaneamente sentir alegria, pois no mundo ainda há almas bondosas.

No 2.º dia a claridade entrou pelas frestas da parede a despertar-nos do nosso sono. O céu estava límpido e a manhã estava fria. Por aqui e por ali já se ouviam os chocalhos das mansas ovelhinhas que pastavam em prados verdejantes. Nos ramos das árvores, em que as gotas de orvalho mais pareciam finas pérolas, as aves chilreavam saudando os primeiros alvares.

Levantámo-nos e através de um agreste caminho seguimos até à ribeira onde nos lavámos. Depois de restabelecidos por um café quente, seguimos para uma pequena e verdejante elevação onde armámos a barraca que muita curiosidade despertou. O dia estava quente e já cessara a evaporação da humidade despreendida durante a noite, durante a qual só uma coruja atrevida teve a coragem de quebrar o silêncio nocturno.

Nada previa que a tarde fosse chuvosa, o que impediu a realização das nossas actividades Escutas.

O 3.º dia correu normalmente, tendo-se a anotar que fomos assistir a Campelo à Missa e à cerimónia dos Ramos e que desarmámos a barraca devido à chuva que começou a cair torrencialmente.

Chegou finalmente o 4.º dia, 2.ª feira, e aproximou-se a hora da despedida. Às 9h30 deixámos o Fontão, esse local tão aprazível e esse povo tão simples e bondoso que é o simpático povo do Fontão.

O regresso já se fez pela estrada e não deixarei de registar um pequeno incidente em Vilas de Pedro: Trata-se de dois rapagões, uma espécie de «vândalos sem heroidade» que vêem-nos passar sem nada dizer. Mas ao chegarmos um pouco mais adiante começaram a chover os insultos. A princípio entreolhámo-nos como a dizer: «os cães ladram e a caravana passa», mas tudo tem o seu limite e a tal ponto nos saturaram as palavras torpes que, abandonando a mochila e interrompendo a marcha, apressei o passo em sua direcção. Mas os valentões fugiram ao verem brilhar ao sol a face de máto. Pouco depois vinham à ofensiva já refeitos do susto que a face lhes causou. Deste incidente resultou outro mais grave, pois uma correia da minha mochila rebentou e nós atrasámo-nos um pouco. Prosseguimos a marcha cerca de meia hora depois, parando em seguida junto de um chafariz, onde almoçámos.

As 13h45 chegámos ao fim da nossa viagem e estou certo que em todos os espíritos germinaram grãos de saudade por estes dias de jornada.

MARTINHO DE JESUS MENDES  
MEDEIROS

## O BANDIDO

(Continuação)

— Não, tinha um companheiro, mas morreu com a doença do sono. Há três anos que estou só.

O missionário deixou transparecer, nos seus olhos azuis, um pouco de malícia juvenil.

— Eu aqui, — disse, sorrindo — sou um **factotum**, mas a minha função mais importante é a de provedor.

— Como?

— Posso uma pistola **Mauser**, para a qual ainda tenho uns centos de balas. Com ela abato algumas peças de caça, que são um regalo para os meus pobres amigos. Creio que até é este o motivo por que me toleram aqui.

— É somente tolerado?! Não é amado?

— Não, meu caro senhor! Ninguém me quer bem: nem mesmo os pequeninos. Eles não compreendem, nem compreenderão jamais o amor que eu nutro por eles.

Um profundo silêncio reinou, por alguns momentos, entre os nossos conhecidos. Depois o Padre continuou:

— Em segundo lugar sou médico e farmacêutico. Curo os meus pigmeus das suas doenças, penso as suas feridas e tiro-lhes os dentes já podres; no entanto devo acrescentar que esta pobre gente é quase insensível ao mal, e não teme a morte mais do que nós tememos o sono.

— A mortalidade é grande?

— Muito grande em comparação com os nascimentos. Os **tik-tik** (nome indígena dos pigmeus) são

uma ração decadente, raquítica, destinada a desaparecer. Reconhecendo-se fracos diante das outras tribos, refugiaram-se nos lugares mais inacessíveis e insalubres da floresta. A doença do sono, as febres, a fome e as feras dizimam-nos assustadoramente. Já assisti à destruição completa de duas tribos.

— São inteligentes?

— Creio que estão no mais baixo nível da inteligência humana. Não têm mais de trezentos vocábulos, de modo que para lhes explicar as verdades da fé, minha terceira ocupação, tenho de recorrer a rodeios e imagens... — e neste ponto um ar de malícia se desenhou nos olhos claros do missionário — que com certeza me hão-de merecer uma excomunhão da Santa Sé. Vou dar-lhes uma ideia, embora pálida.

«Sabem o que é alma? É um pedaço de intestino que não apodrece como o resto do corpo, e do qual renasce, depois da morte, um outro corpo grande, gordo e forte. Esta segunda vida passar-se-á, conforme as acções boas ou más do indivíduo, no céu ou no inferno. O céu é um lugar onde se comem coisas boas todas as vezes que se tem fome; onde não há inimigos e existem lindas cubatas. O inferno, pelo contrário, é um forno onde se sofre a fome e onde todos apanham pancada». Estes são os primeiros rudimentos de instrução religiosa, que se vão modificando conforme o maior ou menor grau de compreensão dos catequizados. Com esta gente é preciso recorrer muitas vezes a imagens materiais para lhe fazer compreender ainda as coisas mais simples e naturais.

— As satisfações de V. Rev.ª são, portanto, muito reduzidas?

(Continua)

# MOVIMENTO RELIGIOSO

## VIDAS NOVAS

Sabes a data do teu baptismo? Festejas esse acontecimento tão importante da Vida? Sabes que o baptismo, tornando-te cristão, apagando na alma o pecado original, te dá a Vida divina, tornando-te filho de Deus, templo da Santíssima Trindade? Haverá data mais importante na nossa vida?

### 19 de Fevereiro:

**Emília Maria de Sousa Fabre dos Reis e Cândida Maria de Sousa Fabre dos Reis**, filhas de António Constâncio Ruivo Fabre dos Reis e D. Elvira Natália de Sousa Ribeiro Fabre dos Reis, da Vila.

### 26 de Fevereiro:

**Vitor Jorge Lima Hortelão**, filho de Francisco Martins Ferreira Hortelão e Luizete Mendes Lima, da Vila.

### 9 de Março:

**Adelino José Ribeiro Mendes**, filho de José da Conceição Mendes e Graçinda da Conceição Ribeiro, de Cabeças.

### 25 de Março:

**Júlio da Silva Carvalho**, filho de Augusto Mendes de Carvalho e Carlinda de Almeida da Silva, de Lavandeira.

### 1 de Abril:

**Paulo Alexandre de Freitas Nunes Agria**, filho de Carlos Alberto da Costa Nunes Agria e D. Fernanda Paulo Moreira de Freitas, da Vila.

### 2 de Abril:

**Vitor Manuel Godinho da Encarnação**, filho de Manuel Encarnação da Conceição e Adelaide da Conceição Godinho, de Chavelho; **Maria de Fátima Martins da Silva**, filha de João do Carmo da Silva e Hermínia Martins Simões, de Marvila; **Conceição Rodrigues Pimenta**, filha de António de Jesus Pimenta e Maria da Conceição Rodrigues, de Marvila; **Isabel Lopes Barroso**, filha de Herculano Barroso e Maria do Carmo Lopes, de Chãos de Baixo.

### 9 de Abril:

**João Carlos da Conceição Duarte**, filho de João Duarte Henriques e D. Idalina da Conceição, da Bouça; **Donzília Rosa da Silva**, filha de João Vitorino da Silva e Isaura Rosa Pereira, de Chãos de Baixo; **Vitor Manuel Araújo da Conceição**, filho de Alberto da Conceição Augusto e Armin-da da Silva Araújo, do Chavelho.

### 16 de Abril:

**José Alves Tomás**, filho de Leonel Rosa Tomás e Maria Amélia da Conceição Alves Tomás, da Milhariça. Que Deus os proteja.

## NOVOS LARES

O Matrimónio aumenta nos esposos a graça divina, santifica e fortalece o seu amor mútuo, comunica-lhes o direito sagrado de colaborarem com Deus, na criação e educação dos filhos; dá-lhes graças para santificar todos os actos da sua vida familiar e cumprirem a sua missão de esposos, pais e educadores.

### 25 de Março:

**José Augusto da Conceição Silva e Belmira Quaresma da Silva**, ele residente em Nampula e ela em Aldeia da Cruz.

### 26 de Março:

**Manuel Henriques David**, de Pedrogão Grande e **Carolina Alves**, de Várzea de Cavaleiros.

### 12 de Abril:

**João Lucinda dos Santos**, de Lavandeira e **Idalina da Conceição Ventura**, de Telhada.

Que o Senhor os torne felizes.

## NA PAZ DO SENHOR

**Lembrat-e que há-de morrer**, eis a grande verdade que devia destruir a vaidade e o egoísmo e que nos devia levar a pensar na eternidade.

### 15 de Fevereiro:

**Maria da Conceição**, de 82 anos, da Vila; **Nazaré Rodrigues Godinho**, de 25 anos, de Aldeia da Cruz.

### 26 de Fevereiro:

**Armando Pais Lopes**, de 3 anos, do Carapinhal.

### 8 de Março:

**José de Abreu Avelar**, de 84 anos, de Aldeia da Cruz.

### 16 de Março:

**José Mendes**, de 80 anos, de Bairrão.

### 29 de Março:

**José António d'Assunção**, de 48 anos, de Marvila.

### 1 de Abril:

**Higino da Glória**, de 61 anos, da Vila; **Emília de Jesus**, de 67 anos, de Chãos de Cima.

### 9 de Abril:

**José António Leonardo**, de 84 anos, de Ribeira de S. Pedro.

### 13 de Abril:

**Luísa Alves da Silva**, de 65 anos, do Carapinhal.

### 21 de Abril:

**Joaquina da Silva**, de 74 anos, de Aldeia Fundeira.

### 23 de Abril:

**António Rodrigues Henriques**, de 85 anos, de Cabeças.

## FREQUÊNCIA AOS SACRAMENTOS

**Fevereiro** — Comunhões — 1.596; Últimos Sacramentos — 7

**Março** — Comunhões — 4.427; Últimos Sacramentos — 6

**Abril** — Comunhões — 1.677 — Últimos Sacramentos — 3.

## Tristezas para quê!?

### TRISTEZAS

NÃO PAGAM

DÍVIDAS...



Gosto...

Numa recepção mundana, uma senhora muito faladora martiriza um dos convidados, falando sem cessar.

— Que mais lhe agrada na mulher? — pergunta por fim.

— A boca — responde ele.

— Adorável! E como lhe agrada mais? Grande? Pequena? Sorridente?

— Fechada!

★

O Jesuíno tem de se levantar depois do descanso largo do domingo. Aborrecido, exclama:

— Tantas coisas têm inventado e ainda não inventaram uma que nos dê vontade de trabalhar na segunda-feira pela manhã!

★

«Quanto mais estudo, por minha parte, Mais embaraços sinto em explicar

Como sem relojoeiro e sem arte

Possa aquele relógio trabalhar».

(Assim respondeu o ímpio Voltaire a vários filósofos que negavam a existência de Deus).